

Do formalismo.

Para M. Vargas

Pré-âmbulo: A análise da percepção sugere que não vemos formas, apenas cores, e que formas são percebidas tátilmente. Os contornos desenhados em Lascaux (traços marrões que separam superfícies coloridas) seriam a primeira transcodificação de formas para o terreno do visível.

A dialéctica forma-contéudo surge técnicamente com relação a líquidos, (água, sangue fresco?), e muito mais tarde com relação a sólidos (grãos, frutas). A cerâmica parece ter dupla origem: (1) excavação de barro, (2) recobertura de cestas com barro. Sob (1) "forma" implica abstracção a partir de plenitude, sob (2) implica construção de vacuidade. A cerâmica nascida da excavação adapta o conteúdo à forma, a outra inversamente. (O desenho geométrico pretos sobre fundo vermelho nas urnas primitivas é resultado da queimadura dos galhos constituintes do "tecido" da cesta.)

A visão teórica (descobridora de formas no fundo das "aparências"), présupõe ontologia líquida, não atomista. A forma da vaca (a "vaquidade"), capta o fluxo do efêmero pelo seu input, e o relaxa pelo output. Isto é: o processo é "a-morpho", mas aparece sob (ou dentro) da morphé, para desaparecer novamente. O que implica a seguinte idéia: se percebemos aparência, o fazemos graças a formas. As formas estão lá, o amorfo passa por elas, e temos percepção das aparências graças a isto. Ou: observação é precedida por teoria.

Nos "tells" mesopotâmicos (sambaquis) os grãos são guardados em potes para protegê-los das enxentes. Tais potes informam sólidos, não gotas. Os potes são guardados por guarda-noturno ("Big Man"), o qual habita o "tell", (a acrópolis). Tem portanto visão mais ampla que os outros, e vê rio acima. Prevê secas e enxentes, e por isto vai avançar de guarda-noturno, para profeta, sacerdote, rei e finalmente deus. Ao prever o curso do rio alguns quilómetros para cima, passa a fazer desenhos em argila para captar o fluxo (canalização, 4'500 aC° Nascimento da geometria. Ao recolher os grãos nos potes e ao dividi-los entre os aldeões, calcula (nascimento dos números). Portanto geometria trata de formas para líquidos, aritmética de formas (formulas) para sólidos granulados.

As duas ontologias se confundem no caso do óleo e vinho. (Dialéctica Heráclito/Demócrito, portanto o problema pitagórico de concordar música com geometria - *músikai kai mathematikai technai*) / Com o platonismo surge a bonêca russa: potes contendo potes. Indução leva ao pote dos potes (*kalloagathia*), mas dedução não leva nem ao grão nem à gota ao pote mais baixo (nome próprio, limite do logós). Metafísica aristotélica é o abandono da esperança de ultrapassar o nome próprio e alcançar o grão ou a gota. Realismo medieval (*universalia sunt realia*) procura desprezar o problema. Nominalismo (nomes próprios são convênios) avança até o conteúdo de um lado, e justifica a "sola fides" no pote dos potes (Deus) no outro.

O telescópio sugere que formas são manipuláveis (modelos, módulos, modas). Surge a "modernidade". Tanto a forma ptolomáica quanto a kopernicana capta o

grão dos planetas. Problema: porque posso aplicar várias formas ao mesmo "conteúdo", mas não posso aplicar não importa que forma? Ciclos, epiciclos, elipses, mas não triângulos ou quadrados? Surge a suspeita epistemológica pos-moderna: As formas são projeção do pensamento (isto é: da vista e do tacto) para dentro dos dados fora e dentro, afim de permitir orientação e ação, e a diferença entre formas é a da diferença entre mapas. "Descobertas" são redescobertas de projeções esquecidas. Algumas formas orientam melhor que outras, e isto é o novo critério de verdade: mais ou menos provável, mais ou menos performante.

O problema está sendo resolvido tecnicamente. Nem todas as formas são igualmente aplicáveis, por causa da construção do sistema central nervoso. O sistema recebe informação digital (sensações pontuais), e a computa em percepção segundo informação genética pré-programada. Isto impõe o uso de algumas formas e não outras/ Mas é tecnicamente viável computar as informações ambientais e internas (o campo das virtualidades) segundo programas diferentes; Surgirão destarte "realidades alternativas" (espaços-tempos Cyberspace) que permitem serem formalizados alternativamente. O que consideramos atualmente como sendo "real" (tal específica relação 'forma-conteúdo') passa a apenas uma entre numerosas (talvez inúmeras) alternativas;

Vitória do formalismo? Preparo as minhas formas segundo critérios estéticos (afinal 'morphé=forma e morpho-belo' são sinónimos, veja-se o português 'formoso'). Depois preparo meu conteúdo conforme as formas. E finalmente projeto mundos alternativos. Probleminha: como adequar os vários mundos um ao outro (problema evidente no Golfo)? Teria sido o Golfo War game transferido do virtual para o ex-real, ou seria que há um meta-espaço puramente composto de virtualidades? Ressurge a dialéctica grão-gota.

Estamos nas primeiras fases. Por certo: se "real" for questão de definição de virtualidades (isto é: de densidade de conteúdo em forma), então a pos-história produzirá realidades alternativas, e existiremos alternativamente em várias realidades. Mas se "real" for questão de projeção de forma (se o Divino Criador fôr materializado enquanto plotter gigantesco), então as perspectivas são menos brilhantes. Porque para tanto necessitaríamos de plotter (e de computador) maiores que a provável extensão do "atual" universo. O formalismo pos-moderno é vertiginoso, mas o avanço a partir de Lascaux não é muito impressionante. Talvez nem começamos a sermos gente?